

## **Sistemas agrícolas e conhecimentos ribeirinhos: estudo preliminar no contexto de reterritorialização pós-barragem de Belo Monte**

Amália Gabriela Rocha Aguiar (INEAF/UFPA/Pará)  
Rita Cavalcante da Silva (Conselho Ribeirinho do Xingu/UFPA-Pará)  
Karoliny da Silva Melo (UFPA/Pará)  
Laure Emperaire (IRD/França)  
Sonia Maria Simões Barbosa Magalhães Santos (INEAF/UFPA/Pará)

### **Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo compreender como os sistemas agrícolas e os conhecimentos dos ribeirinhos vêm sendo reconstruídos no contexto de reterritorialização das comunidades deslocadas por Belo Monte. Trata-se de uma pesquisa colaborativa de caráter etnográfico na comunidade Paratizinho, integrante do “Território Ribeirinho”, no município de Altamira, médio Xingu. Realizou-se uma identificação das espécies nos espaços de sítio e roças, caminhadas guiadas, registros fotográficos, observação participante, entrevistas abertas sobre a relação das plantas com as pessoas e o território. A identificação das espécies foi realizada *in loco* por meio do conhecimento tradicional ribeirinho e verificadas as semelhanças morfológicas com fotografias em publicações científicas. Os resultados preliminares apontam que as espécies vegetais manejadas e produzidas compõem espaços de reconstrução e resistência do modo de vida ribeirinho, bem como expressam uma territorialidade ribeirinha, na qual o ato de plantar e conservar as variedades de espécies resulta na busca por pertencimento, memória e direito territorial. Além disso, o deslocamento e circulação das plantas atestam relações de reciprocidade pré-existentes. Os locais de origem das plantas sugerem a capacidade de articulação de redes sociais de troca ou doações de sementes e mudas. A diversidade vegetal coletada é correlata aos registros de trajetórias de circulação de pessoas, plantas e conhecimentos. A presença de frutíferas perenes para hábito alimentar cotidiano funciona como marcador de continuidade já que foram plantadas recentemente em compatibilidade com o tempo de moradia do novo ponto de reterritorialização. A escolha de frutas sugere a busca por segurança alimentar, sombra e cobertura vegetal natural. Esse espaço é parte de um sistema produtivo integrado que produzirá em um longo período de tempo exigindo uma relação contínua. Assim, a pesquisa indica que a continuidade das práticas agrícolas e o reconhecimento dos conhecimentos tradicionais são fundamentais tanto para a reprodução sociocultural local como para propostas de reparação e justiça socioambiental.

**Palavras-chave:** sistemas agrícolas, conhecimentos tradicionais, território ribeirinho.

### **1 Introdução**

Os sistemas agrícolas tradicionais são moldados por conhecimentos transmitidos entre gerações e representam exemplos notáveis de sustentabilidade, resiliência e adaptação às condições ambientais da região (Emperaire, 2012; Adams et al, 2006). As espécies vegetais desempenham um papel fundamental nas comunidades ribeirinhas, pois representam não somente uma fonte de renda, como também simbolizam a integração do

saber tradicional, a soberania alimentar, a conservação ambiental, a memória, o sentimento de pertencimento e direito territorial.

Os sistemas agrícolas tradicionais caracterizam-se por apresentar uma interdependência de domínios e formas de saber e fazer dentro de uma diversidade de processos interligados em escalas ecológicas, biológica, sociocultural e temporal e envolvidos em um tecido social, econômico e sagrado. Eles possuem funções produtivas e simbólicas sobre os ecossistemas, plantas, normas sociais e saberes (Emperaire, 2019).

Os sistemas agrícolas ribeirinhos constituem uma relação de integração entre plantas, humanos, solos e ciclos hidrológicos e as práticas e saberes da natureza construídos por meio de relações sociais intergeracionais possuem o rio como dinamizador do cotidiano produtivo e manejado (Fraxe; Pereira; Witkoski, 2007). Os conhecimentos tradicionais em torno desses sistemas integram usos múltiplos do território e podem permanecer criando indissociabilidade entre reprodução sociocultural e conservação ambiental (Diegues, 2000).

Apesar dessa relevante importância para o debate da agricultura familiar, desde a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte em 2015, os ribeirinhos vêm sendo profundamente afetados pela mudança do curso do rio no reservatório e pela oferta de áreas insuficientes para sua dignidade reprodutiva devido a expulsão de suas antigas residências causando uma desestruturação da gestão do espaço de vida (Francesco et al, 2017).

As áreas que a Norte Energia está oferecendo para o reassentamento são ilhas de dimensões aproximadamente 100 a 200 metros e Áreas de Preservação Permanentes (APP) de 500 x 250 metros que compõe o reservatório da UHE Belo Monte e que são, em sua maioria, insuficientes e inadequadas para a reprodução dos sistemas agrícolas tradicionais devido a redução de cobertura florestal, solos advindos de pastagens degradadas e com restrições legais de impedimento do etnomanejo. A legislação prevê que esses espaços sejam tratados como APP's e de responsabilidade do órgão ambiental a extensão dessa APP (Francesco et al, 2017).

Diante da legislação, a roça tradicional ribeirinha não está claramente reconhecida como “atividade de baixo impacto ambiental” em APP, porém, do ponto de vista antropológico, a roça ribeirinha possui características mínimas de impacto haja vista manter uma cobertura vegetal consorciada que não usa maquinários pesados, não interrompe ciclos ecológicos e ainda produz em diversidade. O que se analisa é que a legislação põe na mesma escala de efeitos os sistemas agrícolas convencionais e os tradicionais, desconsiderando os saberes intergeracionais e produzindo injustiça ambiental como também situações de

ilegalidade forçada devido o não cumprimento da aquisição das terras destinadas à criação dos Territórios Tradicionais Ribeirinhos de acordo com o Plano Básico Ambiental (PBA) de Belo Monte. De acordo com esse plano, seria efetivada a recomposição dos modos de vida e de implementação da chamada “dupla moradia” (urbana e ribeirinha) colocando-os em condições incompatíveis com o modo de vida ribeirinho.

A partir desse contexto, o presente trabalho busca compreender os sistemas agrícolas e os conhecimentos tradicionais ribeirinhos que resistem e se recriam nesse processo de deslocamento compulsório e modo de vida invisibilizado pelas ações da UHE Belo Monte. Sendo assim, o foco analítico recai sobre as relações sociais, morais, territoriais e políticas mediadas pelas espécies vegetais entendendo que os sistemas agrícolas ribeirinhos operam como dispositivos de reconstrução territorial e modo de vida local.

Nesse contexto, as plantas perpassam além dos recursos produtivos e ocupam uma posição relevante nas disputas territoriais que se materializam no ato de plantar ribeirinho.

## 2 Metodologia

A pesquisa<sup>1</sup> adota uma abordagem qualitativa de caráter etnográfico fundamentada na pesquisa colaborativa e na produção compartilhada do conhecimento. O estudo foi desenvolvido na residência da ribeirinha e coautora deste trabalho, Rita Cavalcante da Silva, que fica localizada na comunidade de Paratizinho, umas afetadas pela Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no município de Altamira. A escolha do local se deu por intermédio de Josefa Camara da Silva que é uma das lideranças do Conselho Ribeirinho do Xingu do qual a coautora também é membro.

A pesquisa se desenvolveu em três principais etapas, sendo: i) leitura bibliográfica, ii) visita *in loco*; iii) sistematização dos dados coletados. Na primeira etapa foi realizada um levantamento bibliográfico, em artigos e livros publicados em revistas científicas nacionais e referenciadas na biblioteca virtual do projeto Caminhos Ancestrais, sobre os efeitos da UHE de Belo Monte nas comunidades que compõe o território ribeirinho do Xingu, bem

---

<sup>1</sup> O estudo está sendo desenvolvido no âmbito do projeto “Caminhos ancestrais: patrimônio biocultural, pesquisa colaborativa e etnoconservação no corredor de sociobiodiversidade do Xingu e interflúvio com o Tapajós” aprovado no edital Amazônia +10 processo E-2025/2198419 (CNPq 400649/2024-1), com processo de análise ética no CEP UFPA, Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará sob o protocolo CAAE: 92718525.3.0000.0018, com autorização para atividades com finalidade científica no Sistema de Autorização e informação em Biodiversidade (Sisbio) sob o nº Número: 98541-1 com validade até 12 de junho de 2027, e cadastro nº A13B3B8 no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (SisGen).

como suas formas de resistências e recriação dos sistemas agrícolas baseados nos conhecimentos locais.

A segunda etapa *in loco* se deu no período de 21 a 24 de setembro de 2025 no qual foram visitados os espaços produtivos e de conservação da residência de Rita. Primeiramente, realizou-se um reconhecimento socioespacial no sítio e nas roças, guiado pela coautora. Em seguida foi realizado a identificação e registro participativo dos espécimes vegetais e seus múltiplos usos com auxílio de GPS, gravador, máquina fotográfica e participação do conhecimento tradicional local. A marcação dos pontos de GPS se fez necessário para levantar a distribuição das plantas e suas variações, bem como para criação futura de mapas temáticos e análises futuras de mudanças da paisagem em séries temporais do território. Já o gravador serviu como suporte no registro das memórias que foram compartilhadas sobre as plantas, e as fotografias como registros visuais para confirmação das espécies em guias de campo (Filho, 2012; Martins-da-Silva et al, 2014; Sartorelli, 2018).

Nessa etapa *in loco* da pesquisa não foi realizada a coleta de amostras das espécimes prensadas para análise em herbários visto que foi realizada pela comparação morfológica com os guias de campo e, sobretudo, validada pelo conhecimento tradicional de Rita que foi fundamental para identificação e compreensão das funcionalidades de cada espécime no meio ecológico, as escolhas de interesse social na conservação e no plantio, bem como serviram de base para a nomeação dos nomes científicos e “beiradeiros”. Esse reconhecimento local das espécies foi feito observando os detalhes da própria planta quanto o seu habitat (árvore, arbusto, etc), tipo e formato do tronco (rugoso, liso, cor, com ou sem látex, etc), cor, textura e formato das folhas, frutos e sementes.

As caminhadas guiadas nesses espaços, auxiliadas pela observação participante e da observação da paisagem, reforçam o entendimento de como o conhecimento situado é produzido pela oralidade e como são adaptados e transmitidos de forma prática pelo território criando interações entre pessoas, ambientes e plantas (Favret-Saada, 1990; Minayo, 2001, Ingold, 2015). Nas caminhadas foram realizadas conversas informais e perguntas abertas com base em um roteiro semiestruturado sobre os nomes das espécimes e seus usos (humano e animal), o tempo de plantio e o caminho social das plantas afim de compreender a lógica de manejo e conservação das plantas. A terceira etapa se deu com a sistematização dos dados coletados categorizados no microsoft excel por nome científico, nome beiradeiro, família e usos.

### 3 Resultados e discussão preliminar

#### 3.1 Sistemas produtivos: composição, funcionalidade e temporalidade de plantio

Na residência de Rita foi possível encontrar dois espaços de plantios e conservação: o sítio que se localiza na frente da residência ou também chamado de pomar e a roça de subsistência. No quadro 1 encontra-se as espécies plantadas pela ribeirinha no sítio/pomar.

Quadro 1 Espécies vegetais plantadas pela ribeirinha no sítio/pomar.

| Nome científico                 | Nome local           | Principal Função   | Tempo de plantio      | Local de origem da muda                 | Método de propagação/plantio |
|---------------------------------|----------------------|--------------------|-----------------------|-----------------------------------------|------------------------------|
| <i>Byrsonima crassifolia</i>    | Muruci               | Alimentação humana | + de 2 anos           | Ilha do Catitu de Volta Grande do Xingu | Fez mudas para o plantio     |
| <i>Cocos nucifera</i>           | Coco                 | Alimentação humana | 1 ano e meio          | Altamira, casa do Baixão                | Trouxe mudas                 |
| <i>Anacardium occidentale</i>   | Caju                 | Alimentação humana | 1 ano e meio a 2 anos | ---                                     | ---                          |
| <i>Mangifera indica</i>         | Manga                | Alimentação humana | ---                   | ---                                     | ---                          |
| <i>Ocimum gratissimum</i>       | Alfavaca             | Uso humano         | ---                   | Dona Ivanete (rede de vizinhança)       | ---                          |
| <i>Morus</i> sp.                | Amora                | Alimentação humana | ---                   | ---                                     | ---                          |
| <i>Manihot esculenta</i> Crantz | Macaxeira brasileira | Alimentação humana | ---                   | ---                                     | ---                          |

Fonte: pesquisa de campo, 2025.

A presença de frutíferas plantadas em até 2 anos sugere a compatibilidade com o tempo de moradia no novo ponto de reterritorialização. Isso indica que a escolha dessas espécies não é aleatória, e sim, responde à busca por segurança alimentar, sombra e cobertura vegetal em curto prazo de tempo, ao mesmo tempo que projeta um sistema produtivo integrado que exige contínuo manejo no decorrer dos anos. Como afirma Rita no

cuidado com o cajueiro de aproximadamente 15 anos, conforme observação local tradicional:

Quando eu cheguei, ele estava assim, mais grossinho um pouquinho do que esse. Aí foi limpando, foi cuidando e ele foi desenvolvendo. [...] Porque ele [caju] estava na mata, ele estava com um monte de capinha, tudo era capinha. [...] Só que eles não estavam grandes assim porque o capim abafava, eles eram assim desnutridos. Quando a gente chegou, a gente foi limpando, tirando o capim. Ciscando e deixando eles no limpo, e daí eles pegaram força e foram se formando, aí ficou já bonitão, quando a gente chegou ele não era assim, ele era uma árvore desnutrida, toda feia.

Aí a planta é desse jeito, agora a única planta que a gente vê que vai é o cacau, ele consegue ficar aqui debaixo de boa, mas as outras plantas, muricinho, limão, coco, acerola, tudo que for de planta, eles têm que estar livres, por isso que tem esse espaçamento entre um e outro, que é pra justamente eles terem essa possibilidade de se formar, ficar bonito, porque se tu planta um pertinho do outro, Eles ficam compridão, um brigando com o outro, tentando passar a sombra um do outro. Porque aquele que fica embaixo fica mufino e o outro fica mais bonito e viçoso, que cobre por cima.

Essa fala revela um conhecimento tradicional sobre elementos agrônomicos como luminosidade, espaçamento e competição interespecífica. E são esses conhecimentos adquiridos pela observação diária e aprendizagens sociais geracionais e de relações de parentesco que orientam a forma de fazer o manejo.

O quadro 2, por sua vez, mostra as espécies herdadas do antigo morador, Sr. Valtinho, que também cultivou frutíferas perenes que tornaram-se agora uma “herança ecológica” para Rita.

Quadro 2 Espécies vegetais plantadas pelo antigo morador.

| Nome científico               | Nome local | Tempo de plantio | Local de origem da muda | Método de propagação/plantio |
|-------------------------------|------------|------------------|-------------------------|------------------------------|
| <i>Byrsonima crassifolia</i>  | Muruci     | Desconhecido     | Desconhecido            | Desconhecido                 |
| <i>Anacardium occidentale</i> | Caju       | 2 anos e meio    | Desconhecido            | Desconhecido                 |
| <i>Anacardium occidentale</i> | Caju       | 15 anos aprox.   | Desconhecido            | Desconhecido                 |
| <i>Malpighia glabra</i>       | Acerola    | 7 anos aprox.    | Desconhecido            | Desconhecido                 |

Fonte: pesquisa de campo, 2025.

Observa-se no quadro acima que há uma coexistência de plantas de Rita e o Sr. Valtinho que materializa temporalidades e formas de ocupação, muito embora o passado e o presente permanecem em um mesmo espaço agora como uma continuidade territorial marcadas por diferentes trajetórias de vidas. O que sugere que o manejo não é simplesmente técnico, mas envolve afeto, cuidado, observação e conhecimento sobre o tempo ecológico (Evans Pritchard, 2005). Esse sistema de conhecimento é constituído, como afirma Diegues (2000) através da relação com a natureza mediada por valores e cosmologias, e de forma complementar Emperaire (2012) ressalta que a interdependência das dimensões ecológicas e sociais resulta em uma aprendizagem intergeracional e contínua caracterizando os sistemas agrícolas tradicionais.

As espécies que se encontram nesse sistema produtivo vão além do consumo humano com funções de manutenção do sistema ecológico local por meio da alimentação da fauna terrestre e aquática, bem como uso medicinal, artesanato, madeira, sombra e cobertura morta como mostra o quadro 3 abaixo.

Quadro 3 Espécies vegetais nativas e/ou com plantio desconhecido na área do sítio.

| Nome científico            | Nome local   | Principais funções                                                                                | Observações                                      |
|----------------------------|--------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------|
| Desconhecido               | Ovos de bode | Alimento para animais (paca, macaco, papagaio, etc)                                               | ---                                              |
| <i>Duguetia furfuracea</i> | Ata-brava    | Madeira e alimentação humana                                                                      | A madeira se retira na lua e com mais de 6 anos. |
| <i>Syagrus coronata</i>    | Aricuri      | Palha para galinheiro; alimentos para animais (paca, macaco, quati, porco espinho, tamanduá, etc) | Idade 3 anos aproximadamente.                    |
| <i>Gustavia augusta</i>    | Cachimbeira  | Uso para artesanato (cestas), no galinheiro e alimento para roedores.                             | ---                                              |
| <i>Terminalia spp.</i>     | Cinzeiro     | Alimentos para peixe (pacu)                                                                       | 2 anos e meio aprox.                             |

|                                       |                                    |                                            |                                                            |
|---------------------------------------|------------------------------------|--------------------------------------------|------------------------------------------------------------|
|                                       | Fava da maré<br>ou Bajé da<br>maré | Uso medicinal                              | Antimicose para a<br>pele e bom para a<br>sombra e lenha   |
| <i>Macarobium<br/>acaciifolium</i>    | Arapari                            | Alimento para<br>peixes                    | ---                                                        |
| <i>Brysonima<br/>intermedia</i>       | Muruci de<br>cacho                 | Alimentação<br>humana                      | ---                                                        |
| <i>Handroanthus<br/>serratifolius</i> | Ipê amarelo                        | Madeira durável                            | ---                                                        |
| <i>Spondias<br/>mombim</i>            | Cajá/Taperebá                      | Alimentação<br>humana                      | ---                                                        |
| <i>Citrus latifolia</i>               | Limão                              | Uso humano                                 | ---                                                        |
| <i>Moldenhawera<br/>acuminata</i>     | Ingá-braba                         | Alimentação<br>humana                      | ---                                                        |
| <i>Anacardium<br/>occidentale</i>     | Caju                               | ---                                        | Aprox. 20 anos                                             |
| <i>Inga cabelo<br/>T.D Penn</i>       | Ingá-peluda                        | Alimentação<br>humana e animal<br>(macaco) | ---                                                        |
| <i>Inga edulis</i>                    | Ingá do mato<br>ou ingá verde      | Alimentação<br>humana e animal             | ---                                                        |
| <i>Agonandra<br/>brasiliensis</i>     | Pau-marfim                         | ---                                        | ---                                                        |
| <i>Annona<br/>squamosa</i>            | Ata mansa                          | Alimentação<br>humana                      | Recebeu a semente<br>de sua mãe (relação<br>de parentesco) |

Fonte: pesquisa de campo, 2025.

O quadro acima indica que o manejo das espécies está integrado em um “fazer plantar” característico de comunidades tradicionais promove a conservação ecológica da paisagem pois sabe-se da importância para a vida animal como os peixes, roedores, aves e macacos. Os conhecimentos tradicionais se revelam de forma legítima também nos usos medicinais como da espécie Fava da maré (com propriedades antimicóticas naturais), no saber do tempo de manejo como na Ata-brava (retirada na lua e com mais de 6 meses) e no reconhecimento das variedades como muruci comum e muruci de cacho, conforme denominação local. Rita exemplifica esse saber ao descrever a diferença entre as variedades:

Não, em vez de ser espalhado porque aqueles outros dão em pau espalhado. Ele não, ele fica concentrado nos cachinhos pindurado a coisa mais linda. Tu colhe o cachim inteiro de muruci e o outro cai no chão. O outro não se concentra no cachim. Óh dá pra tu pegar as flores e ver o cachim lindo. É uma outra espécie de muruci. Ele é mais graúdo.

Além do sítio ou pomar, há também plantação de macaxeira brasileirinha e mandioca 6 meses, chadá e taxi-amarela (adquiridas por meio do Sr. Oliveira, amigo de Rita) e a graviola (advinda do filho Warlen) no espaço da roça (figura 1). Há também uma espécie de macaxeira desconhecida que Rita adquiriu também com o Sr. Oliveira. Espécies como o cacau, a banana e o café também foram identificados em consórcio próximo a roça de subsistência.

Figura 1 “Roça” em uma unidade familiar ribeirinha do Xingu.



Fonte: pesquisa de campo, 2025.

### 3.2 Redes de reciprocidade e circulação de conhecimentos e plantas

Os locais de origem das plantas vistos nos quadros 1 e 2, sugerem uma grande capacidade de articulação de redes sociais de troca ou doação de sementes e mudas, como no caso do muruci de 2 anos plantado por Rita que teve uma complexa trajetória percorrendo diferentes lugares até chegar no Paratizinho:

É esse eu já plantei (muruci). Ele tem mais de 2 anos. Quando eu vim fazer a identificação do meu ponto, eu já vinha de vez em quando e eu trazia pé de coco aí eu ia plantando mesmo sem ter permissão. Então ele já tem 2 anos e 2, 3 meses, por aí, 3 meses. Aí essa muda dele eu trouxe lá de uma ilha chamada ilha do Caitucá lá no Volta Grande do Xingu onde a gente tem um barraco lá de pesca que quando a gente saiu daqui expulso e foi pra lá, a gente plantou. E lá tem bastante muruci. Lá em fiz as mudinhas e trouxe na sacolinha. Aí eu plantei esse, aquele daí, aquele outro alí óh, é

jovem também.[...] Toda vida que eu ia levava a canoa cheia de mudinha pra onde eu vinha trazia as mudas de abacaxi, de mandioca, de macaxeira, de muruci e essa daqui (muruci) veio de lá da ilha do caitucá que eu já levei daqui da ilha do bacabal, levei pro caitucá, lá ela deu fruto, eu encantarei, trouxe de volta pra cá, entendeu? E agora está plantada aqui e espero que eu não tenha que fazer muda de novo pra outro lugar.

Esses relatos indicam que há uma relação fluida entre pessoas e plantas que transcendem os valores de recursos, e sim fazem parte da história de vida dessas pessoas como possuidoras de agência de memória e fortalecimento de relações sociais. Elas carregam e se apropriam das histórias de deslocamento e contribuem para a reconstrução do território como no caso da planta Amora:

Foi, eu que plantei.[...] Essa daí a gente foi pra Brasília [...] pra defender o território ribeirinho lá em Brasília, foi os conselheiros tudinho. Aí a gente vinha de lá, vinha a pé. [...] Aí quando tinha um pézinho plantado assim na beira da rua, eu peguei, quebrei um galinho e trouxe pro hotel. Aí chegando lá eu enrolei no papel higiênico e botei dentro da minha bolsa. Porque eu vi tão pequenininho com amora. Aí trouxe dentro da minha bolsa. Passou três dias de viagem de lá pra cá, eu cheguei encantarei ele, plantei, levei pra ilha [Bacabal]. Plantei, tá lá o pezão antigo dela. Aí quando eu me mudei pra cá [atual ponto no Paratizinho] eu trouxe a muda dela aqui e já tenho três pés dela aqui, dessa amora. Ela veio de Brasília. Olha ela é diferente porque as outras amoras que a gente vê aqui elas são pequeninha. Essa aí é porque ela não tá adubada, não tá cuidada. Ela fica com o caxão bem mais maior. Entendeu? Ela é uma amora muito gostosa.

O galho da planta amora representou um tempo político e de luta pelo território mostrando que até eventos são canais de circulação de germoplasma. Assim como a alfavaca e a ata mansa vieram de redes de vizinhança e parentesco, respectivamente, o que sugere que essas trocas e doações expressam caminhos de reciprocidade e solidariedade que se revelam apesar do deslocamento forçado devido a usina de Belo Monte. Logo, observa-se a permanência das relações de reciprocidade mediante mecanismos de dádiva e troca (Mauss, 1974; Sabourin, 1999). Assim como o caso da macaxeira, que apesar de não saber o nome dela, tem uma relação de gratidão e dádiva com suas redes sociais, conforme Rita:

É, o senhor Oliveira. E a gente foi a pedir pra eles uma muda de mandioca. Que nós não tínhamos. [...] Aí foi lá na roça e tirou um monte de cor de mandioca. Aí ele foi e disse assim: Vocês têm macaxeira? Aí ele falou, meu marido disse, tem não. Pois eu vou dar só um feixezinho dessa maniva pra vocês, que essa macaxeira é boa demais. Aí pegou e deu um feixezinho, feixe que a gente fala é assim, uns quatro, cinco pauzinhos amarrados. E daí a gente plantou [...] Daqui eu já dei pro meu irmão. Ele veio, eu já dei um monte de muda, ele levou. Já dei pro seu Nelson, que o seu Nelson comeu e também não conhecia, só que eu não sei o nome dela, dessa macaxeira. Eu só sei que ela é molinha, ela é parecida com a macaxeira da Bahia.

Nota-se que apenas uma pequena quantidade de amostra de macaxeira é capaz de compor uma nova roça mostrando que a dádiva se multiplica nos fluxos e redes sociais. Logo, os feixes de manivas não são apenas presentes, mas um elo, um laço social que fortalece e perpetua essa relação socialmente construída.

### 3.3 Territorialidade, memória e resistência

A situação de plantio em áreas de APP sugere um ato político de resistência a identidade, cultura e modo de vida ribeirinha contra a violência imposta pela implementação da Usina de Belo Monte, conforme relato de Rita:

Esse aqui eu plantei sem autorização. Era uma coisa que eu ia enfiando alí. Tipo pra coisar aquele capimzão. Agora se uma coisa assim liberado pra gente vou botar uma roça e plantar. Eu não vou plantar um pertinho do outro assim. Vou ter o espaçamento correto, tudo direitinho. Mas aqui a gente queria acabar de qualquer forma, aquele capimzão. Porque a gente tinha marcado o ponto da casa aí. Isso era feio. Sabe, uma coisa feia. E não tinha uma árvore. Só aquele que tá alí no meu irmão, não sei se tu percebeu que a gente foi ontem lá. Não tem uma árvore alí e é quente, quente, quente que a gente não aguenta. Eu falei “Não, a gente tem que plantar alguma coisa.”. E já aproveitando as que já tinham no sítio velho e a gente foi só enfiando os pés de coco aqui. O gado vinha, comia, arrancava, nós vinha e plantava de novo.

Na fala acima, percebe-se nitidamente uma diferença entre o que seria um plantio de “sobrevivência” para uma roça propriamente dita. O plantio que Rita realiza em seu ponto de reassentamento provisório não caracteriza um sistema agrícola em sua plenitude com processos consolidados de alinhamentos entre plantas, etapas de manejo da terra e do fogo como derruba, aceiro, queima, coivara e plantio com projeção a longo prazo e sim, formas reduzidas desses sistemas através de uma limpeza da área para fins de segurança alimentar e conservação ecológica do espaço. O ato de “enfiar mudas no capim” indica uma alternativa a degradação do solo imposta pela bovinocultura praticada nas áreas antigas. A impossibilidade de “botar a roça” é reflexo da insegurança territorial gerada pela espera das áreas lindeiras que serão adquiridas pela empresa Norte Energia. Enquanto, as licenças ou áreas com autorização não são possibilidade, Rita propõe ocupar o local com espécies vegetais para a sua sobrevivência e bem-estar na tentativa de reduzir a perda material e simbólica que sofreram. Além disso, essas espécies são parte de sua vida. Rita cresceu ao lado de frutíferas, mandiocas e animais da floresta e se desloca ao lado deles. As espécies

não são apenas recurso alimentar, são também propagações de sua identidade que ela conserva no cuidado. Ademais, as transformações ecológicas no rio e nas terras impactaram diretamente a pesca, base alimentar ribeirinha. Houve perdas das corredeiras e de comidas de peixes como a “saroba”, conforme Rita:

Saroba a gente dava o nome pra aquelas ilhotas cheias de comida de peixe. [...] Aquelas ilhotas cheias de frutas, só dos peixes comerem. [...] A gente só tem esse beiradão aí que a gente vê, que é o morro que ficou. E são matas. Era mata dentro. Não era mata de beira de rio, era mata de centro. Ali na beira tem castanheira, tem embaúba, coisa que não existia na Saroba. [...] Aí os peixes vão pra lá, estão se readaptando, os que conseguem. Os outros ou foram embora, morreu bastante peixe quando o lago encheu, muito peixe morreu. E os outros eles vão ficar fazendo o que aqui? Só esse paliteiro seco, sem ter um alimento pra eles comerem. A água, só essa lama aí, ó. [...] Os peixes ainda ficam comendo as goiabas que ficaram naquele sítio velho que foram pro fundo, pé de manga, que ficou na beirada, que ainda cai dentro d'água, é o que eles comem.

Essa memória ecológica é fundamental para compreendermos a amplitude dos efeitos de Belo Monte nas paisagens do Beiradão do qual expressam uma perda profunda do modo de vida e restrições na relação com o ambiente, o que reduz drasticamente a autonomia alimentar. Todavia, Rita se mantém resistente frente as violências simbólicas que ainda se constituem desde a construção da usina. Ao plantar frutíferas e demais plantas, ela recompõe seu sentimento de pertencimento em um corpo-território (Escobar, 2014) constituído de afeto e relações de interdependência, o que evidencia, em sua prática cotidiana, uma territorialidade construída a partir de uma ontologia relacional (Ingold, 2015; Escobar, 2015).

#### 4 Considerações Finais

Este trabalho preliminar buscou analisar como os espaços de plantios e os conhecimentos tradicionais ribeirinhos vêm sendo mobilizados e reconstruídos em um contexto de restrita qualidade de vida resultante da construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no município de Altamira, estado do Pará.

Os resultados apontam que os lugares que acolhem as plantas como o sítio/pomar e a “roça” são reconstruções reduzidas dos sistemas agrícolas dos ribeirinhos em espaços de sobrevivência e resistência perante uma situação de deslocamento forçado e de restrição do uso do solo. Ou seja, há um sistema interrompido, mas que tenta se manter vivo através de atos de resistência. Todavia, esses locais de plantio expressam uma continuidade territorial

que contribuem para a reprodução sociocultural dos ribeirinhos e que por meio do manejo, a conservação e diversidade de espécies caminham e circulam por redes de parentesco e de vizinhança. Logo, as plantas promovem fluxos de agência que mediam as relações entre os ribeirinhos, o território e as instituições públicas e privadas envolvidas nesse cenário de conflitos e instabilidade territorial.

Os conhecimentos tradicionais encontrados sobre as plantas expressam interações socioecológicas entre humanos e não-humanos que demonstram que o território não é palco passivo diante das intempéries sociais, e que essa relação se dá na prática do fazer diário com a terra, da observação dos fenômenos e ciclos da natureza, dos animais e das interações entre eles e as plantas. Há, um emaranhado de vidas que coexistem e se transformam juntos o que permite criar práticas agrícolas de baixo impacto ambiental e que promovem a conservação ecológica do território.

Vale ressaltar ainda que a circulação de sementes e mudas por meio das redes sociais de parentesco e vizinhança exemplificam os laços de reciprocidade que sustentam o modo de vida ribeirinho e que fortalecem a identidade e memória local.

Por fim, a pesquisa busca contribuir para futuras investigações que centralizam os sujeitos e suas práticas agrícolas que são base tanto para a reprodução sociocultural como para a busca de reparação e justiça socioambiental.

## Referências

- Adams, Cristina; Murrieta, Rui; Neves, Walter (Orgs.). **Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade**. São Paulo: Annablume, 2006. 364 p.
- Diegues, A. C. (Org.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. São Paulo: NUPAUB-USP: MMA, 2000. 211 p.
- Emperaire, Laure Agrobiodiversidade e sistemas agrícolas tradicionais. **MAGISTRA CRUZ DAS ALMASBA**, v.25, p.1 - 5, 2012.
- Evans-Pritchard, Edward Evan. **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- Escobar, A. Territorios de diferencia: la ontología política de los “derechos al territorio”. **Cuadernos de Antropología Social**, n.41, 2015, p. 25-38
- Escobar, A. **Sentipensar con la tierra. Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia**. Unaula, Medellín, 2014, 184p.
- Favret-Saada, Jeanne. Être Affecté. Gradhiva: **Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie**, v. 8, p. 3-9, 1990.
- Filho, E. M. C. **Plante as árvores do Xingu e Araguaia**. Ed. Ver. E ampl. São Paulo: instituto socioambiental, 2012. (Série Plante as árvores do Xingu e Araguaia).
- Francesco, A. A. De; Freitas, A.; Baitello, C.; Graça, D. .da S. O deslocamento forçado de ribeirinhos em Belo Monte. In: (Orgs.) MAGALHÃES, S. B.; CUNHA, M. C. da. **A expulsão de ribeirinhos em Belo Monte: relatório da SBPC**: [livro eletrônico]. São Paulo: SBPC, 2017, p. 99 – 150.
- Ingold, Tim. 1948. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Tim Ingold: tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. (Coleção Antropologia).
- Ingold, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.
- Mauss, M. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In: \_\_\_\_\_. Sociologia e antropologia. São Paulo: Edusp, 1974. V. 2, p. 49-209.
- Minayo, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: o Desafio da Pesquisa Social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- Sabourin, E. Práticas de reciprocidade e economia de dádiva em comunidades rurais do Nordeste brasileiro. **Raízes**, ano 18, n. 20, p. 41-49, nov. 1999.